

## A memória como ferramenta da Pesquisa Qualitativa: o caso do movimento de mulheres no Brasil nos anos 70's e 80's.

### *Memóry as Qualitative Research Tool: The women's movement in Brazil in the 70's and 80's.*



**Resenhista: Laura Sofia Chacón Gironza\*\***  
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

#### **Introdução**

Este livro faz parte da tese de doutorado da autora e divide-se em Introdução, Capítulo 1. As Mulheres nas lutas pela igualdade social, Capítulo 2. As Mulheres nas lutas por suas próprias causas, Capítulo 3. Feminino e Masculino: movimentos de construção, Capítulo 4. Feminino e Masculino: movimentos de desconstrução e por último, Movimentos Finais.

Na introdução a autora identifica como objetivo de sua pesquisa “destacar a atuação das mulheres que participaram dos movimentos políticos organizados em defesa da erradicação das desigualdades e discriminações entranhadas nas interrelações da sociedade brasileira, no contexto dos anos 70 e 80”; além disso, colocando a fala da mulher negra como outra expressão de discriminação e desigualdade.

Esta pesquisa é de corte qualitativa e faz uma análise no âmbito das avaliações feitas pelas mulheres, através de suas lembranças e interpretações. Sua técnica de trabalho com as narradoras foi à história de vida como história oral. Procurou-se mulheres da cidade de São Luís, Estado do Maranhão e da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, a primeira pela cercania da autora com

#### **Mulheres em movimento: Memória da participação da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980.**

Nascimento Sousa, Sandra Maria\* (2007). São Luís-Maranhão, Brasil: EDUFMA/PPGCS.

ISBN 978-85-7862-064-6. (196 páginas)  
Palavras-Chave: Movimentos sociais, participação, mulheres, relações de gênero, memória.

\*Sandra Nascimento Sousa: Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada 3 da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiências na área de Sociologia e Antropologia, atuando principalmente na produção de temas como: gênero e sexualidade, relações de gênero, memória e identidade, desigualdades sociais e cultura histórica. Ministra aulas e orienta trabalhos de alunos da Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Mestrado de Cultura e Sociedade. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas GENNI.

\*\*Formada em Trabajo Social da Universidad del Valle (Cali-Colômbia), e mestranda do programa de Pós-graduação em Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [larasof@gmail.com](mailto:larasof@gmail.com)

algumas mulheres militantes e a segunda por ser onde teve uma grande produção desses movimentos organizados.

Em São Luís procurou-se grupos como: “Mulheres da Ilha”, “Espaço Mulher”, “Mãe Andrezza”, “Centro de Cultura Negra”, organizações sindicais, culturais e partidários. Foram 11 mulheres, brancas e negras, entre 40 e 55 anos a exceção de uma de 39 e outra de mais de 60 anos. Em São Paulo foram: “SOS Corpo”, “SOS Violência”, “Viva Maria”, “Geledés”, “Fala Preta” e outros. Foram 12 mulheres, brancas e negras, entre 40 e 55 anos com exceção de uma de 39 e outra de mais de 70 anos. Todas elas nasceram e residiram em diferentes partes do Brasil.

Igualmente, a autora destaca na introdução os referentes teóricos os quais se tiveram em conta para o desenvolvimento da pesquisa, entre eles está o referente da memória, que em Pollak encontra-se o conceito da memória subterrânea, em Bergson está a memória e o tempo, em Benjamin fala-se sobre a narrativa, Halbwachs destaca o social como base da memória, Freud faz referência à memória como trabalho de reconstrução, Perrot à memória como sexuada e Scott comenta que na memória deixam-se transparecer as relações de poder.

Outros autores falam sobre a identidade como Bourdieu e a identidade como atributo social, Hall fala, por exemplo, sobre identidades contraditórias e Rolnik e Guattari falam dos conceitos de identidade e singularidade e suas diferenças.

### **Capítulo 1. As Mulheres nas lutas pela igualdade social**

Algumas narradoras começam a contar suas histórias ao início da sua militância e das suas lutas, onde participavam de partidos políticos, sindicatos, organizações e grupos, reivindicando os direitos humanos, a não discriminação, a não ditadura, entre outras; sendo esta militância caracterizada por uma clandestinidade, medo, violência, detenção em prisões, submissão a torturas, etc. A partir desse momento, o silêncio, a confusão e o esquecimento começaram a integrar o tecido de suas lembranças, como coloca Pollak, memórias subterrâneas.

A autora comenta que as mulheres expressavam muita emoção como gestos, sorrisos, sobrancelhas erguidas, entristecimentos e lágrimas nos fatos

relatados, o qual retoma ao autor Benjamin quando este diz que a narrativa é como um relatório.

As mulheres narradoras não priorizavam o casamento ou a maternidade como metas de sua vida, pois estavam em um mundo considerado masculino, em um jogo de relações de poder; aqui a autora lembra que as ações do sujeito que fazem história produzem rupturas e alteram padrões estabelecidos e a nível pessoal, a identidade se fixa ao sistema de crenças e valores dominantes.

A autora cita a Marina Maluf quando coloca que a memória pessoal transforma-se em fonte histórica, pois o sujeito esta envolvido em elementos que vão mais além de seu corpo. Nessa medida estas narrativas das mulheres trazem ao cenário da história seu modo de atuação nas relações de gênero.

À luz das narrativas vai aparecendo a categoria mulher deslindada ou redesenhada, pouco a pouco as mulheres vai deslocando sua centralidade na causa socialista, para a questão social das mulheres. Vão constituindo ações organizadas, em defesa das mulheres, que possam ser visíveis, atrizes sociais e que seus interesses sejam escutados nas lutas por um mundo mais justo e solidário.

### **Capítulo 2. As Mulheres nas lutas por suas próprias causas**

As mulheres lembravam que ao momento de falar em seus grupos, movimentos e organizações sobre a questão da mulher, a violência, seus direitos, a sexualidade, o corpo, do amor, eram catalogadas, por seus companheiros homens, como aspectos da burguesia. As mulheres expõem a necessidade de ver o tecido social desde sua tessitura complexa, sendo a subordinação de classe, só uma das tramas.

Colocaram na mesa de discussão os afetos, a sexualidade, os conflitos nas relações familiares e a alegria, fazendo que as coisas chamadas privadas tornaram-se no espaço público. Desta forma, nas lembranças vai-se ressaltando o reconhecimento das diferenças na categoria mulher.

Outro ponto importante que coloca a autora é a diferenciação entre as narradoras brancas e negras, pois estas últimas narram histórias cheias de carências, falta de acesso e de melhor qualidade de vida. As lembranças das mulheres negras trazem à luz as dificuldades, os esforços, bloqueios de seus

movimentos, onde comenta Pollak que os recortes ou lembranças que fazem estas mulheres não incidem sobre a condição de esquecimento, mas, se impõe como condição necessária o silêncio.

A autora lembrando a Éclea Bosi diz: “na memória política os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica neutra. Ele quer julgar marcando bem o lugar em que estava naquela altura e reafirmando sua posição, ou matizando-a”.

As mulheres colocam em questão o fato de que não se pode perceber isoladamente ou diferenciadamente a questão da mulher, é uma luta de classes, mas, além disso, uma luta específica, portanto evidencia-se aqui um salto qualitativo para entender o tecido social desde uma visão multidimensional.

Nas narrativas das mulheres mostra-se como vão avaliando suas ações, emergindo nas suas lembranças contradições, sentimentos, demonstrando suspiros, expressões de alegria e tristeza, de que nesse percurso, nessa luta se ganhou e se perdeu.

A autora citando a Silva Yannoulas coloca: “o movimento confundiu ser iguais com ser idênticos. Quando as diferenças internas começaram a manifestar-se a ideologia do mesmo mostrou-se impotente para interpretá-los e fragmentou-se”.

### **Capítulo 3. Feminino e Masculino: movimentos de construção**

Comenta uma das narradoras que o motivo que conduziu a desenvolver sua militância era ter conscientização, quando se percebe que as coisas podem ser transformadas. Aqui a autora ressalta que as recordações estão preenchidas pela presença dos outros, sendo esta presença contínua e persistente. Halbwachs menciona que em nosso trabalho de rememoração estão presentes as influências desses outros. As lembranças pessoais que parece que só pertencem a nós, podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar.

Neste caso, as lembranças das mulheres, por exemplo, na sua infância, são influenciadas pelas interações em suas vidas.

Nas lembranças das narradoras se evidencia as influências da categoria mulher ou a questão de gênero em suas decisões, interações, estilos de vida, pertencimento a aquela classe social, etnia, entre

outros. É um sujeito que o atravessa correntes de força, linhas existenciais e as contradições que elas contém.

Citando a Riolando Azzi a autora coloca que a família e sociedade brasileira contemporânea distinguem-se por quatro orientações básicas: a católica, a positivista, a liberal e a socialista.

As orientações católica e positivista ajudaram a moldar um padrão da família burguesa, conservadora como modelo dominante. Os liberais destacam a inserção das mulheres no trabalho produtivo. Já no socialismo este teoricamente não colocou em questão à família patriarcal, nem pelos trabalhadores nem pelas trabalhadoras em suas reivindicações.

Já Juliet Mitchell diz que são quatro as estruturas básicas do modelo de família vigente: sexualidade, reprodução, produção e socialização, que tendo um desenvolvimento desigual, entravam nos processos de liberação da mulher.

Aqui a autora coloca a situação vivida pelas mulheres negras, por exemplo, na educação escolar era percebida como prioridade na melhora da qualidade de vida e viabilizadora de ascensão social. O que se fixou na memória destas mulheres foi a mulher negra forte, que trabalha e tem independência em relação aos homens.

Nas narrativas evidencia-se o trabalho realizado para a desconstrução do modelo de feminilidade<sup>1</sup>, que se caracterizava como homogêneo na sociedade. Igualmente, destaca-se o trabalho pela conquista a “si própria”, questões discutidas nos grupos e a não dependência frente aos homens.

### **Capítulo 4. Feminino e Masculino: movimentos de desconstrução**

As narradoras em suas lembranças revelam um contexto social amplo, onde o público e o privado se entrelaçam e a homogeneidade dos sujeitos é atravessada pelas diversidades. Comenta a autora, “nessa perspectiva vêm atestando que a função da memória é libertadora e criadora, tal como assegura Bergson, em sua teoria, ainda mais, retém o passado para organizá-lo com o presente em uma articulação rica e nova”.

<sup>1</sup> Feminilidade: diz a autora que é o centro hegemônico de referência para os sujeitos-mulheres, numa dada conjuntura social, onde são agregadas sistemas de representação, crenças e valores. Para uma modificação deve ser travada uma luta.

Os homens e as mulheres negras colocam também a questão étnico-racial, configurada por uma violência que perpassa a construção de suas subjetividades. Existe uma dupla violência, uma, encarnar o corpo e ideais de ego do sujeito branco e dois, negar e anular a presença do corpo negro.

Estes fatos são movimento de desconstrução porque ocorrem nas formas e modos de relações estabelecidas, entre as mulheres e os homens brancos e negros, para modifica-las.

Igualmente, na memória das narradoras se destaca a desarrumação nos papéis apreendidos, por exemplo, a maioria das mulheres casou-se de acordo aos modelos católicos e positivistas mencionados anteriormente, mas com a conjuntura dos anos 70 e 80, esses modelos lhes começaram a parecer deslocados e mal ajustados a suas ideias da autonomia e liberdade.

Era necessário para estas mulheres desconstruir o feminino, o que implicava transformações tanto dos seus casamentos quanto a nível pessoal.

Coloca a autora, “ressalta-se claramente das lembranças que um modo de resistir e transbordar padrões é dar ensejo à idéia de que esses padrões e normas, são socialmente construídos. Então podem ser modificados”.

Neste caso, comenta a autora que os movimentos das mulheres são especiais, pois desconstróem modelos e padrões idealizados, onde se apresentam muitas das exclusões sociais.

### **Movimentos Finais**

Comenta a autora “as construções e desconstruções são movimentos que em lembranças narradas compõem as histórias que vem se desenvolvendo desde o início deste trabalho”.

As narradoras revelam nas suas lembranças que os papéis ou roles dos homens e as mulheres na sociedade tinham funções políticas e que ao momento de colocar suas insatisfações evidenciavam-se tais distinções.

A luta destas mulheres pela igualdade e equidade com os homens, trouxe o conhecimento de que essa luta deveria ser aplicada entre elas também, mulheres brancas e negras. As mulheres negras articulavam também questões como a situação da pobreza e inferioridade vividas por elas.

Igualmente, as lembranças das narradoras trabalham muito com o enfoque em relação ao corpo, pois se deve desconstruir a imagem de reprodutoras assexuadas e sua realização concreta fechada ao espaço da família e ao cuidado dos filhos.

Finalmente, as narradoras ressaltam que um dos aspectos a ser trabalhados são as práticas cotidianas, pois na vivência cotidiana se reproduzem os velhos hábitos, ameaçando as conquistas obtidas por elas. Estas mulheres destacaram o trabalho feito pela mudança da condição da mulher, mais comenta que ainda há muito por se fazer.

E a autora fazendo ênfase nas novas mulheres coloca:

O mundo das relações entre homens e mulheres tal como é hoje, lhes parece natural as mulheres das novas gerações, e muitas das repressões que nos afligiram, parecem-lhes lendas de folclore... para que estas novas mulheres seguirem o bastão, que já esteve com as suas antecessoras, é necessário que conheçam estas histórias, e ainda outras que tem sido realizadas, por muitas outras mulheres que nos antecederam. (Nascimento, 2007, p. 179).

### **Análise**

Como primeira medida, resalta-se este trabalho da autora, pois seu objetivo foi cumprido, o uso das técnicas referidas, a narrativa, a história de vida através da história oral, o trabalho com a memória e as lembranças, deram conta dessa informação procurada. Evidencia-se também a forma de descrição dos fatos em cada um dos capítulos, que permite ao leitor entrar nesse mundo das mulheres daquela época.

Destaca-se a maneira como a autora não só coloca as lembranças dessas mulheres, senão que descreve como foi esse processo de pesquisa desde sua própria experiência, por exemplo, no momento das entrevistas, as dificuldades, as interrupções, as lembranças dela mesma ao escutar as lembranças das mulheres, pois foi uma atriz mais, dessa construção da memória coletiva.

Ao início descreve-se como foi esse processo de busca da informação através de jornais, revistas, documentos oficiais, etc., o qual também se encontra enquadrado dentro da memória obrigada, que faz referência a uma construção de uma nação, pelos documentos oficiais.

Neste trabalho identifica-se uma construção da história da mulher no Brasil nas décadas 70 e 80 através da sua memória e lembranças, portanto, existem diversas formas de construção da história, que neste caso, ressalta-se o papel da mulher na sociedade, e na construção política e social, que normalmente é contada pelos homens.

Igualmente, ao destacar o papel das mulheres negras, coloca em conhecimento a diferenciação nas lutas das mulheres brancas e negras, e coloca em questão não só as demandas das mulheres pelo gênero, senão a questão da raça, etnia, dupla discriminação, desvalorização, etc. Neste caso a autora logrou evidenciar que cada grupo de população na época, lutava por seus próprios

interesses, os homens pelas lutas do trabalhador assalariado, as mulheres brancas por seus direitos e participação e as mulheres negras além do colocado pelas mulheres brancas, destacam a discriminação pela raça e etnia, questões todas envolvidas no mesmo contexto social e político, onde o sistema capitalista gerava mais desigualdades sociais.

Finalmente, resgata-se que embora possa ser uma dificuldade numa pesquisa estar inserto nas mesmas condições sócio-históricas da geração de mulheres deste trabalho, sendo também parte dessa luta, a verdade é que autora usa neste caso esse aspecto e o coloca como uma vantagem, sendo identificado em seu trabalho.

## Referências

Nascimento Sousa, Sandra Maria. (2007). *Mulheres em movimento. Memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980*. São Luís, Brasil: EDUFMA/PPGCS.

### Algumas referências usadas pela autora do livro

Azzi, Riolando. (1987). *Sociedade Brasileira Contemporânea: Família e Valores: Seminários Especiais*. São Paulo: Edições Loyola.

Benjamin, Walter. (1994). *Obras Escolhidas: Magia e*

*Técnica – Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense.

Bosi, Ecléa. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia de letras.

Halbwach, Maurice. (1990). *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais.

Maluf, Marina. (1995). *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano.

Mitchell, Juliet. (1982). *Modelos Familiares*. In: Canevacci, M. (org.). *Dialética da Família*. (pp. 257-273). São Paulo: Editora Brasiliense.

Pollak, Michael. (1989). Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*. 2(3). Pp. 3-15.

Yannoulas, Silvia Cristina. (1994). Iguais mas não idênticos. *Revista Estudos Feministas*, 2(3). Pp. 7-16.